

A Disseminação da Informação em Artesanato

NANCY BUENO

Pouco interesse tem havido nos estudos sistematizados e bibliográficos do Artesanato, por parte de Pesquisadores, Bibliotecários e órgãos Governamentais.

Identificar, selecionar e localizar o material bibliográfico é a dificuldade maior para sua própria disseminação, além da escassez do mesmo, como demonstra aqui a pesquisa bibliográfica efetuada em várias bibliotecas congêneres, apresentada anexa.

A Autarquia denominada Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades — SUTAGO — é divulgada, a fim de tomar conhecidos seus objetivos, projetos e estudos. Sua Biblioteca — única na área — em São Paulo, sentindo o problema de formação do acervo especializado e da disseminação da informação, apresenta como solução a reprodução de material através do intercâmbio entre Bibliotecas.

Como contribuição, a Autora organizou uma “Bibliografia sobre Artesanato Brasileiro” com a função de Catálogo Coletivo, que constitui a segunda parte do trabalho.

APRESENTAÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é o de chamar a atenção para o assunto ARTESANATO, tão renegado a segundo plano pelos estudiosos, bem como para a dificuldade que ocorre quanto à escassez de material bibliográfico na matéria.

Bibliotecária da SUTACO — Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades.

Pelo papel atuante nesse campo, é mencionada a Autorquia denominada Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades — SUTACO —, sediada em São Paulo, onde são descritos, em termos gerais, seus objetivos, e evidenciados, ainda, os problemas que envolvem sua biblioteca especializada.

Com o propósito de verificar qual o estado da literatura em Artesanato em bibliotecas congêneres, a Bibliotecária procedeu a uma pesquisa bibliográfica em nove Entidades.

Os dados coletados foram também incluídos na “Bibliografia sobre Artesanato Brasileiro”, constante da segunda parte do trabalho.

A mesma é oferecida como primeiro levantamento bibliográfico na área, e subsídio para a implantação de um Catálogo-coletivo em Artesanato.

1 — INTRODUÇÃO

Depois da revolução industrial supunha-se que o artesanato desapareceria, o que, pelo contrário, não aconteceu ampliou-se como a indústria e teve no próprio governo um dos principais estimuladores de suas atividades.

No Brasil o artesanato se desenvolveu, tornando-se um ponto de grande importância, podendo constituir empreendimento altamente rentável para sua economia.

Apesar de o México e países da América Latina possuírem uma estrutura econômica inferior à brasileira, grande assistência é dada aos artesãos, considerando-se habilidade manúel um grande fator do desenvolvimento .

O 1º Congresso Internacional do Artesanato foi realizado em Roma em 1930, onde participaram 14 países europeus. A partir de então, Congressos nessa área se vêm repetindo e constituindo um centro de intercâmbio de idéias e experiências.

Recentemente, a Unesco, a FAO e o Centro Internacional de Comércio do GATT, além de outras entidades, como o Centro de Estudos Internacionais do Artesanato da Universidade de Paris, Instituto Suíço de Economia da Turquia, Centro Italiano de Estudos dos Problemas Artesanais^ vêm estudando o assunto com grande interesse. 1

2 — COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Segundo a definição de Tylor, “Cultura é um todo complexo que abarca os conhecimentos, as crenças, as artes, os costumes, hábitos adquiridos pelos homens numa sociedade” 18.

Cultura é, então, um fenômeno psicossocial que existe no espírito dos indivíduos e só por meio deles é que se manifesta. A cultura fornece ao indivíduo a maioria dos conceitos que formam a base para suas atividades racionais, mas os processos de pensamento são individuais e não culturais.

A característica essencial da sociedade humana reside na sua capacidade de transmitir de uma geração para outra o produto acumulado dos modos de ser, sentir, interpretar e fazer, que no desenvolver da vida do grupo, foram praticados, selecionados, modificados pela experiência; reside, enfim, na sua capacidade de comunicação.

Como unidade fundamental do agrupamento humano, o homem é, em primeira instância, o realizador desse processo e o criador de um imenso instrumental que lhe permite ampliar os feitos do seu poder de comunicar-se no tempo e no espaço.

Num esforço de preservar seus achados e conquistas, o homem cria modos de registrar, sistematizar e englobar progressivamente todos os campos e processos de atividade intelectual.

Quanto mais complexa a sociedade se torna; quanto mais diversificada a atividade humana; quanto mais especializações se desenvolvem dentro das já tão específicas áreas da ciência, tanto mais conhecimento humano se potencia, inflacionando a problemática da participação de todos no patrimônio da cultura.

Graças à comunicação, ao longo dos séculos, os homens que se inteiraram dos conhecimentos acumulados pelos seus antepassados, substituíram os instrumentos e técnicas de produção nas diferentes áreas da cultura, integrando-as em seu modo de viver, legitimando-os pela prática.

Esse progresso atinge hoje tal desenvolvimento que a necessária integração entre o homem e o conjunto organizado do conhecimento constitui uma das questões cruciais a desafiar o engenho desse mesmo homem, criador e acumulador de idéias, ciências, artes, técnicas.

O progresso tecnológico e científico é imenso; não obstante, populações inteiras mantêm suas atividades econômicas, educacionais e de saúde como as praticaram há séculos; são problemas de comunicação dentro da área de Educação.

Na área da escola, embora com objetivos bem diferentes que os da indústria e do consórcio, a preocupação com a comunicação se traduz na busca de técnicas mais eficientes de motivar, de ensinar, de fixar e de medir a aprendizagem.

No plano da ciência, a informação desempenha papel vital, pois representa para o cientista a possibilidade da planificação de trabalhos, sem duplicações desnecessárias, ou, pelo menos desconhecidas.

É tal a quantidade de trabalho científico na atualidade, que se realizam esforços de urgência no sentido de simplificar e racionalizar cada vez mais os sistemas de reunir, analisar, selecionar e preservar para difundir os produtos de trabalho intelectual.

Tal esforço criou a Ciência da Informação, que dia a dia se equipa, vinculando-se estreitamente à Eletrônica e aos processos de automação, visando a estabelecer comunicação mais fácil e mais fértil entre os grupos científicos, entre eles os **professores**, os **disseminadores** e **usuários de informação** em todos os campos de atividade humana. 6

3 — A FUNÇÃO DA BIBLIOTECA FRENTE À ATUAÇÃO DA AUTARQUIA NO CAMPO DO ARTESANATO

3.1 — Considerações Gerais

A partir do século XX surge a biblioteca especializada, que se ocupa somente de uma pequena parte do conhecimento humano, onde os usuários geralmente constituem um grupo muito pequeno, cujos interesses se concentram na área onde trabalham.

Na biblioteca departamentalizada por assunto e na especializada, as funções de orientação, informação e circulação, podem ser combinadas. O bibliotecário em tal situação é tanto um especialista como alguém que devota estudos consideráveis ao assunto dessa especialidade em adição à sua preparação profissional.

3.2 — Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades — SUTACO* —

Já existem no País alguns centros ou Entidades que cuidam do artesanato, velando, no entanto, mais pelo aspecto beneficente, que pelos elementos econômicos e mercantis. A SUTACO — Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades, é uma delas, e tem como objetivo o

♦ Autarquia criada pelo Decr.-lei n.º 256, de 29/5/70 e regulamentada pelo Decr. n.º 52.719 de 12/3/71 e pela Port. SCT n.º 1 de 11/1/72, que baixa o Registro Interno da SUTACO. Nova denominação da Autarquia pela Lei n.º 65 de 3/12/72.

aspecto econômico-social e mercantil das atividades artesanais, estando sediada em São Paulo.

— Mas, o que é a SUTACO?

— A que visa?

— O que faz?

É uma Autarquia vinculada à Secretária da Promoção Social do Estado de São Paulo, cujos objetivos são:

1 — Criar trabalho para a população marginalizada;

2 — Trabalhar em colaboração com os elementos da própria comunidade;

3 — Propiciar a fixação do homem no interior, para evitar o agravamento dos problemas sociais das grandes metrópoles;

4 — Promover e dinamizar o artesanato, para engajar mão-de-obra marginalizada no mercado de trabalho;

5 — Fornecer assessoria técnica nos núcleos artesanais em funcionamento;

6 — Promover a comercialização do artesanato no Estado, no País e no Exterior;

7 — Estudar a organização artesanal do Estado de São Paulo, outros Estados e Países, e

8 — Pesquisar a realidade sócio-econômica paulista, e elaborar projetos para aumentar o número de empregos no Estado.

Dentre os objetivos enumerados, perguntaríamos:

— Em quais deles a BIBLIOTECA tem papel preponderante?

— Em todos os itens mencionados; mas principalmente nos três últimos, por comportarem maior trabalho intelectual.

3.2.1 — Comercialização do Artesanato no Estado, no País e no Exterior

A crescente industrialização mundial possibilitou menores preços para objetos de uso diário, como porcelanas, tapetes, castiçais e outros.

Nem por isso conseguiu afastar do mercado o artesanato. Geralmente a produção artesanal, por não ser seriada, é de preços mais elevados.

Essa é a grande dificuldade de poder satisfazer o mercado internacional, devido à quantidade dos pedidos e a exigência de uma qualidade uniforme numa remessa grande. O artesão brasileiro não teria possibilidade de atender sempre a essas exigências. Nem teria capacidade de comercializar o produto lá fora, pois isso exigiria uma organização que não é própria do trabalhador ou artista isolado.

Ultimamente, porém, têm surgido agentes de comercialização, além de cooperativas, que se encarregam de lançar o produto, tanto no mercado interno como no externo. No mercado interno são representativos as seguintes cooperativas, em âmbito nacional:

Cooperativa Artesanal do Litoral Agreste no Rio Grande do Norte; Cooperativa de Produção Artesanal da Guanabara; Cooperativa dos Pequenos Tecelões de Goiânia; Cooperativa Artesanal Mista de Limoeiro, em Pernambuco; Cooperativa Artesanal de Nova Lima, em Minas Gerais; Cooperativas Artesanal de Catolé do Rocha, na Paraíba e Cooperativa Artesanal de Labirinteiros e Bordadeiros do Marechal Deodoro em Alagoas 3.

No mercado interno, além das Cooperativas, há as transações comerciais feitas também em Exposições e Feiras de Artesanato.

Temos, por exemplo, em São Paulo, uma Feira Permanente na Praça da República. Existem ainda, fora do município de S. Paulo, outras feiras no Estado, como no Município de Embu, em São José dos Campos, e o Mercado da Barganha, em Taubaté, etc.

Esporadicamente temos Feiras nos Municípios de Miguel Pereira, Pirapora, Osasco, etc. Também em cidades do interior do Estado de São Paulo, e principalmente no litoral sul, há grandes feiras de artesanato, onde é enorme sua promoção.

Aqui entra também o papel da SUTACO perante a comercialização interna, promovendo feiras e exposições de artesanato com cunho oficial, sendo digna de nota a sua participação na Feira da Providência, que além de mostrar sua atuação no ampar e melhoria das condições dos artesões paulistas, comercializou peças de artesanato 15.

No mercado externo freqüentemente aparecem notícias como estas:

“A importação de artesanato em Pernambuco está interessado aos britânicos, segundo comunicação do setor de promoção comercial da Embaixada do Brasil, em Londres, ao Promoesport” 10.

“A Alemanha Ocidental oferece amplas perspectivas para absorção do artesanato cearense, necessitando, para tanto, de ajustá-lo ao gosto do consumidor germânico, e de um esquema financeiro que possibilite a exportação dos produtos artesanais”7, 11.

“A Empresa de Turismo de Pernambuco — Empetur — atendendo a pedido da Secretaria de Relações Exteriores do México enfiou à Entidade, um catálogo sobre os trajes típicos de Pernambuco”14.

“Dentro em breve a Galeria do Artesanato do Rio Grande do Sul enviará catálogos do artesanato gaúcho para outros países para que se conheça a criatividade e a tradição do gaúcho”².

Empresários de São Paulo vão entregar ao Ministro da Fazenda, ainda este mês, o estudo da montagem de um mecanismo que visa à captação de todo artesanato no interior do País, para sua exportação para os mercados dos Estados Unidos, Canadá e alguns países da Europa”⁸.

Essas notícias demonstram interesse por parte de estrangeiros em importar produtos artesanais, e, como foi citado acima, no Norte e Nordeste do País já há indícios de que a exportação desses produtos é uma realidade.

A SUTACO está estudando também essa possibilidade.

Como se pode supor, para se iniciar quaisquer entendimentos sobre exportação, o interessado deverá ter à mão amostras do material a ser oferecido, devidamente rotuladas com todas as informações a respeito.

Deve ter também idéia da quantidade comerciável a curto e médio prazo, e condições de estabelecer modificações na peça apresentada, seja quanto à cor, tamanho ou detalhes. As amostras podem ser complementadas por catálogos ou fotos em cor. Os catálogos estão sendo cada vez mais utilizados, e sua apresentação está se tornando altamente sofisticada, e neste momento a contribuição da Biblioteca se torna mais significativa pelo arquivamento, preservação e difusão de todo este material especializado. De outro lado, baseado em técnicas documentárias, o Bibliotecário especializado poderá incidir na melhor organização e editoração de catálogos, normalizados bibliograficamente, provendo-os de índices, resumos, etc.

3.2.2 — Organizações artesanais no Brasil e em outros países.

As organizações de classes e assistência artesanal multiplicam-se pelo Brasil, sem, entretanto, haver uma coordenação de objetivos e uma racionalização em termos exposição e comercialização dos produtos.

Dentre essas organizações, as que mais se destacam são as seguintes:

- Inst. de Pesquisas e Treinamento do Artesanato na Bahia.
- Esc. Técnica de Estudos Econômicos do Nordeste.
- Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social.
- Clube dos Artesãos.
- Centro de Arte Livre.
- Associação Brasileira de Artesões.
- Casa do Artista de Blumenau e em São Paulo.

— SUTACO — Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades . 4
Eis a razão do problema.

— Quantas Entidades tratam do assunto Artesanato em São Paulo?

— Várias Entidades particulares, de fins beneficentes, utilizam a técnica de produção artesanal como um meio de promoção humana. Contudo, seus esforços são dispersos, não havendo coesão de objetivos e empreendimentos. Na área governamental apenas a SUTACO está iniciando estudos sobre os problemas oriundos do assunto em questão.

A Biblioteca intenta realizar um cadastramento de Entidades no gênero, justamente para preencher essa lacuna, com indexação pertinente.

3.2.3 — Pesquisas e elaboração de projetos.

Um dos problemas básicos do estudo de artesanato consiste na dificuldade de se formular uma conceituação que possa ser aceita pacificamente por todos os pesquisadores.

A melhor definição seria aquela que atribuísse à atividade artesanal natureza eminentemente econômica, essencialmente vinculada à estrutura da região onde é realizada, e incorporando representações dos hábitos, atitudes, gêneros de vida, perspectivas e ambiente.

José Arthur Rios chegou à seguinte definição operacional: “Artesanato é a atividade de tipo industrial, executada com finalidades comerciais em local especializado ou não, com precários equipamentos e acentuado índice de manualismo, em que os produtores (mestres) se encarregam por si próprios ou através de auxiliares (oficiais e aprendizes), sem relação empregatícia, de todas as fases da produção, desde a transformação da matéria-prima até a obtenção do produto acabado, que conserva sempre em grau maior ou menor, sua individualidade e originalidade”¹⁷.

Ainda o mesmo autor classifica em quatro grandes grupos todos os tipos de manifestação artesanal, que são os seguintes:

a — artesanatos utilitários:

1. de bens de produção — compreendendo os bens de utilização indireta: máquinas e equipamento, ferramentas (implementos de trabalho em geral);

2. de bens de consumo — compreendendo os bens de utilização direta para a vida em seu condicionamento ao meio: tecelagem (redes de dormir), cerâmica (louça de barro e materiais de construção), cestaria e

traçados (chapéus de palha, cestos, esteiras, vassouras, etc), artefatos de couro (calçados em geral, indumentárias de vaqueiro, malas, etc. — curtumes), metalurgia (utensílios de flandres, cutelaria, serralheria, ferraria, etc., marcenaria e carpintaria (móveis em geral), construção naval (barcos e jangadas), produtos de alimentação (queijos, doces, rapadura, etc. e bebidas em geral) e diversos outros ramos (instrumentos musicais, etc.).

b — artesanatos artísticos — compreendendo os bens de utilização necessária: bordados e congêneres (bordados, rendas, labirinto e similares), joalheria em geral e ourivesaria (medalhas, brincos, pulseiras, cordões, etc.), imaginaria (imagens de santos, com extensão ao artesanato religioso em geral), artes gráficas (romances e folhetos — literatura de cordel, artesanato de souvenir (objetos de tartaruga e objetos de chifre, miniaturas de jangadas, etc.).

c — artesanatos lúdicos — compreendendo todas as manifestações de arte que visam à recreação, ao deleito, ao lazer, como as bruxas, bonecas de pano, piões, as gaiolas para briga de canários, os cachimbos de barro, as redes de bonecas, os fogos, etc.

b — artesanatos mistos — onde essas finalidades aparecem confundidas no produto, no uso ou na atividade.

Pelos tipos de manifestação artesanal que Rios menciona 9,17, sabe-se que o campo artesanal é bem extenso, mas onde encontrar material bibliográfico sistematizado para estudos referentes ao assunto?

Justamente no âmbito da pesquisa, a Biblioteca da SUTACO tem exercido uma colaboração efetiva.

Em síntese, configuremos a Biblioteca da SUTACO para melhor compreender sua ação.

3.3 — A Biblioteca da SUTACO

Foi planejada no começo de 1974, e em meados do mesmo ano foi instalada e organizada dentro dos propósitos do Regimento Interno da SUTACO.

O planejamento da Biblioteca, documento interno da Autarquia, foi dividido em duas fases 5:

- fase preliminar e
- fase de execução.

A estrutura do projeto obedeceu aos moldes tradicionais. Na primeira fase houve necessidade da realização de um estudo da área, bem como foram estabelecidas as metas prioritárias e os equipamentos e materiais necessários na segunda, após a aferição dos dados obtidos, efetivou-se a instalação da mesma, através do órgão mantenedor.

No estágio atual a Biblioteca compreende:

- Bibliografias;
- a) acervo de referência em artesanato, compreendendo apenas algumas
 - b) Obras de assuntos gerais;
 - c) acervo de livros e periódicos — técnicos e especializados — em quantidade inferior à documentação técnica;
 - d) documentação técnica, assim constituída:
 - 1 — documentos mimeografados, folhetos e artigos xerografados de revistas referentes ao assunto.

Esse material foi organizado pelo sistema KWIC.

2 — recortes de jornais no assunto artesanato, tendo sido elaborado um tipo de arquivamento muito simplificado, e que não necessita do fichário para que os documentos sejam encontrados.

Dentro dos assuntos principais, ARTESANATO, ARTE e FOLCLORE, foram constituídos 22 códigos de maior representação dentro desses assuntos, sendo os mesmos mencionados na própria “janela” de cada pasta suspenso.

- e) documentação administrativo-legislativa, compreendendo obras de referência legislativa.
- f) Outros serviços, como administração e Reprografia.

Neste contexto o serviço de documentação representa não só meio de atualização para os seus usuários, como fonte de informação especializada.

Evidentemente as informações requeridas não poderão ser atendidas através de uma estrutura de Biblioteca, e sim de um serviço de documentação propriamente dito.

Assim conceitua-se uma Biblioteca modelar, conforme Neusa Dias de Macedo, “quando ela armazena material selecionado para cobrir a área de estudo e pesquisa de seus usuários e é considerada um “centro” de pesquisa, não só pelo fato de convergir a si esse material, ou melhor, de construir para si uma coleção adequada à pesquisa, mas pelo fato de proporcionar ambiente e serviços que facilitem a consecução da pesquisa.

Uma biblioteca bem equipada, contando com recursos bibliográficos básicos, com todas as facilidades de equipamento para a reprodução de materiais especiais, com salas silenciosas, e contando, ainda, com a assistência permanente de bibliotecários qualificados, é o que podemos encarar como **ambiente propício à pesquisa**.

Pesquisa sem biblioteca é praticamente impossível. Biblioteca ideal estamos cansados de pintá-la, urge concretizá-la.

A biblioteca — como um real centro de pesquisa e informação — será um novo desafio a todos: bibliotecários, professores e administradores”13.

4 — A PROBLEMÁTICA DA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM ARTESANATO

Do momento em que houve a necessidade de se organizar uma biblioteca especializada em Artesanato, a Bibliotecária deparou com dois problemas: a própria delimitação da área e a conceituação.

4.1 — Problemas de conceituação

Os primeiros passos da organização da biblioteca foram caracterizar a área através da conceituação que permitisse separar ARTESANATO como assunto e diferenciá-lo de ARTE e FOLCLORE.

Primeiramente definimos o que é Arte, Folclore, e, depois, Artesanato.

Arte é definida como “a maneira simples e usual na tentativa de criação de formas agradáveis” 16;

Folclore, segundo Rossini Tavares de Lima, “é a ciência sócio-cultural que estuda a cultura espontânea da gente dos campos e das cidades”12.

Artesanato* é definido como “o processo produtivo, anterior à Revolução Industrial, em que o produtor exercia por conta própria um ofício manual, utilizando ferramentas de sua propriedade, assistido por um número muito pequeno de “companheiros e aprendizes”.

Dessa conceituação, e daquela definida por José Arthur Rios 17. resultou a divisão do assunto em questão em dois aspectos:

- Artesanato como expressão de cultura popular e
- Artesanato como técnica de produção.

Quanto ao material bibliográfico de artesanato como expressão de cultura popular, foi difícil para o Bibliotecário selecionar as obras, por duas razões:

19) são poucas as pesquisas e estudos desenvolvidos no Brasil sobre o assunto;

29) quando existem, essas pesquisas estão diluídas em Bibliografias sobre Folclore, fontes bibliográficas de seleção para esse material.

* Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica, 1964. v.2

Quanto ao material bibliográfico que diz respeito ao Artesanato como técnica de produção, a identificação pelo Bibliotecário foi mais simples encontrando-o com facilidade, porém em língua estrangeira.

A conceituação, e, posteriormente, a pesquisa bibliográfica, teve como consequência a seleção e aquisição para formação do acervo da biblioteca, como também para a composição de “cabeçalhos de assunto”, ponto capital para a uniformização de entradas no catálogo de assunto.

Para que o serviço de seleção e aquisição fossem implantados, foi necessário proceder a uma pesquisa bibliográfica que resultou na “Bibliografia sobre Artesanato Brasileiro”, que podemos considerar um primeiro levantamento na área.

Além dos propósitos mencionados anteriormente, a Bibliografia é apresentada neste trabalho, na 2a. parte, como veículo de disseminação da informação, e também como subsídio para a implantação de um catálogo- coletivo em artesanato.

4.2 — Pesquisa bibliográfica em Bibliotecas congêneres

Como amostragem, apresentamos a pesquisa realizada nas nove (9) bibliotecas congêneres, com a finalidade de constatar a veracidade das afirmações feitas a priori, ou seja, a escassez de livros como expressão de cultura popular, e o número bem reduzido de livros nacionais em Artesanato como técnica de produção, causando problemas tanto na formação do acervo como na disseminação da informação.

Os resultados da pesquisa foram tabulados e registrados em quadro demonstrativo na página seguinte.

Na consulta às bibliotecas tomou-se patente a importância da conceituação do artesanato como campo da Biblioteca da SUTACO.

Senão vejamos: as bibliotecas organizam seus catálogos de assunto com entradas que dificilmente poderiam ser reconhecidas como pertinentes ao artesanato, e, conseqüentemente, se tornando difícil a recuperação específica da informação.

Se a Bibliotecária da SUTACO não tivesse procedido à conceituação inicial, teria havido os mesmos problemas.

Durante os estudos de conceituação, “Arte barroca”, “Arte brasileira”, “Arte indígena-Brasil”, “Artes plásticas-Brasil”, “Arte popular-Brasil” são termos que foram pesquisados e incorporados no sistema de recuperação de informação da Biblioteca.

Desta forma poupe-se estabelecer uma uniformização dos cabeçalhos de assunto e delimitação da área para seleção e aquisição de material, e, ainda, o planejamento e sistematização da própria bibliografia.

**PESQUISA FEITA EM 9 BIBLIOTECAS CONGÊNERES AO
ASSUNTO ESTUDADO**

Bibliotecas	N.º de livros nacionais	Média percentual	N.º de livros estrangeiros	Média percentual	Total de livros nacionais e estrangeiros em cada Bibliot.	Média percentual TOTAL
SUTACO SP. 223	7	11%	32	33%	39	24%
Escola de Comunicações e Artes USP UEC	4	7%	—	—	4	3%
Instituto de Estudos Brasileiros-IEB	22	35%	2	2%	24	15%
Biblioteca Central da Reitoria-USP UBC (Catálogo Col. de Periódicos: SP-49) 8	—	12%	—	—	8	5%
Fundação "ARMANDO ALVARES PENTEADO" Fund. AAP	7	11%	49	51%	56	35%
Biblioteca da Fac. de Arquitetura e Urbanismo USP-UFA	15	24%	11	11%	25	16%
Museu de Antr. e Etnol. USP	—	—	—	—	—	—
Bibl. Munic. "Mário de Andrade BMMA	—	—	3	3%	3	2%
Sesc-Senac	—	—	—	—	—	—
Total de Livros	63	100%	97	100%	160	100%

No quadro demonstrativo observa-se que:

a) Bibliotecas não especializadas, como as da Faculdade de Arquitetura e urbanismo e do Instituto de Estudos Brasileiros, dispõem de acervo em livros nacionais, na área de artesanato, superiores ao da Autarquia.

Isso se explica pelo fato de a Autarquia ser um organismo muito novo, encontrando ainda a Biblioteca em fase de composição do acervo.

b) Os livros estrangeiros sobre o assunto superam os nacionais, como pode ser visto no quadro demonstrativo, num total de 97 para 63.

Em aditamento à interpretação do quadro demonstrativo, queremos nos referir ao número bem reduzido de Bibliotecários nesta área. Com isso há dificuldade no intercâmbio de idéias e experiências, e no relacionamento entre esses profissionais.

Cabe, portanto, considerar como tese final a COOPERAÇÃO ENTRE-BIBLIOTECAS como a forma mais eficiente e progressista do trabalho bibliotecário.

Decorrente desta importante intercomunicação obter-se-iam:

- o controle e domínio na literatura existente;
- a localização das obras desejadas;
- a utilização da documentação existente, por meio de empréstimos, ou pela obtenção de cópias xerográficas.

5 — CONCLUSÕES

Em vista do exposto, conclui-se que:

- 5.1 no futuro as bibliotecas especializadas em Artesanato e assuntos afins devam cuidar de conceituar e delimitar a área, para facilitar o levantamento de fontes bibliográficas, e tornar mais fácil a recuperação da informação;
- 5.2 a COOPERAÇÃO ENTRE BIBLIOTECAS, em âmbito Nacional, deva ser incentivada como meio para facilitar os trabalhos bibliotecários, e para atender com maior presteza ao interessado na informação;
- 5.3 uma pesquisa bibliográfica de artesanato, com o fim de identificar e selecionar o material existente no assunto e organizar a lista de cabeçalhos de assunto, deva ser elaborado no próprio Grupo de Trabalho de Ciências Sociais e Humanas;
- 5.4 as pesquisas e estudos na área, para maior produção de escritores em artesanato, devam ser intensificadas;
- 5.5 nas Exposições e Feiras de Artesanato os Editores ou Li-

vreiros devam entrar em entendimentos com a Entidade promocional, para que sejam expostos livros especializados no assunto, como meio de divulgação.

Abstract

There has been only scattered interest on the studying and registering of Brazilian folk artcraft. Identification, selection and localization of the bibliographia material in the subject is said to be first obstacle to dissemination. SUTACOó — Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades — and its objectives. The interlibrary cooperation as means to increase and improve dissemination. Attached in bibliography about brazilian folk artcraft.

1. ARTESANATO; fonte inexplorada de divisas. **Conj. Econ.**, Rio de Janeiro, **27** (5): 102-4, 1973.
2. ARTESANATO gaúcho interessa turistas. **Diário de São Paulo**, 15 mar. 1974.
3. ARTESANATO e turismo. Comissão 3, DI-3/10/305 |mimeogr. |
4. BATISTA, A. João; Pinto, O. & Galvão, P. de Salles — **O artesanão, o artesanato e o Estado**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ARTESANATO, 1º., Brasília, 24-28/2/1975 (mimeogr.)
5. BUENO, Nancy — **Planejamento para organização e instalação da Biblioteca e Centro de Documentação e Informação da SUTACO** São Paulo, SUTACO, 1974 (mimeogr.)
6. CAMARGO, Nelly de — Comunicação: uma nova perspectiva no campo das ciências do comportamento. **Rev. Esc. de Comunicações Culturais**, São Paulo, ECA-USP, **1**: 151-58, 1967.
7. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 20 dez. 1973.
8. EXPORTAÇÃO do artesanato brasileiro. **Diário Popular**, São Paulo, 20 out. 1974.
9. FÓRMULA para vender artesanato. **Comércio Exterior**, **51-54**, ago/set., 1974.
10. INGLESES querem adquirir peças de artesanato. **A Gazeta**, São Paulo, 5 jan. 1974.
11. INTERESSADA a Alemanha nos produtos cearenses. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 dez. 1973.
12. LIMA, Rossini Tavares de — **Abecê do folclore** 5 ed. São Paulo, Ricordi, 1972. 262p.
13. MACEDO, Neusa Dias de — **A biblioteca como centro de pesquisa e informação**. São Paulo, A.P.B., 1972. 8p.
14. MÉXICO verá catálogo de Pernambuco. **D. de Pernambuco**, 30 dez. 1973.
15. PROMOÇÃO Social participa da Feira da Providência. **O Dia**, São Paulo. 7 ago. 1974.
16. READ, Herbert — **O sentido da arte**. 2. ed. São Paulo, Ibrasa, 1972 166p.
17. RIOS, José Arthur Apud Fórmula para vender artesanato. **Comércio Exterior**, 51-54. ago/set., 1974.

18. TYLOR Apud Linton, R. — Qualidades e problemas da Cultura. In: _____. **O homem: uma introdução à Antropologia** 6. ed. São Paulo, Martins, 1968.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica, 1964. v. 2.

FOSKETT, D.J. — **Serviço de informação em bibliotecas** São Paulo, Polígono, 1969. 160p.

LINTON, R. — Qualidades e problemas da cultura. In: _____. **O homem uma introdução à antropologia** 6. ed. São Paulo, Martins, 1968.